

# Um tanque

Maria Sílvia Soares\*

Muito sol.

A torneira rasga o pulmão. Respiros e giros,  
lentas cadências permitem escapar a água.

Livre

escorrega

escorre

corre e se amolda em  
forma. A torneira torcida bruscamente  
rápida, a inspira. Fechada. Prisioneira de um  
espaço permanente. Muito sol.

A mão se lança. Seres são puxados  
de um cesto e logo em seguida mergulhados  
e afogados. Uma espuma sem fim os  
envolve, e os absorve. Durante o período de  
inércia: o molho, a metamorfose em água é  
lenta. Cheiros, lembranças de ontem, restos,  
poeiras, manchas difíceis que persistem no  
amanhã, cumpridores do destino compõem  
uma única peça, como se pudessem  
cortando o invisível calarem diferenças.

Abrem e fecham, a cortina.  
Começam e terminam, o espetáculo.  
Personagens de um mesmo enredo já nem  
sabem, se esquecem, decoram rimas. As  
mesmas marcas... Água.

Vão como que obedientes e  
resignados escolhendo um lugar ao fundo do  
tanque. Um ao lado do outro ou em cima,  
mas se desprendem, acabam por aceitar  
mesmo que, para tal, obriguem a mão  
nervosa um mergulho ao medo, agitando o  
líquido para avisá-los, que o varal está à  
espera. Não espera muito tempo.

\* Maria Sílvia Soares é contista e poeta